

O que a ONG Viver e Sorrir faz para que crianças prematuras tenham uma vida mais saudável e feliz

Por Thais Lazzeri



Ana Lúcia Goulart, diretora da ONG Viver e Sorrir, com os recém-chegados Yuri e Nicole, gêmeos de 2 meses. Mais informações sobre o trabalho da ONG no (11) 5571-92 77 ou em www.viveresorrir.org.br

A história de vida de Raquel, primeira bebê operada dentro do útero da mãe no Brasil, e da ONG paulistana Viver e Sorrir, que cuida de crianças prematuras e as ajuda, caminham juntas. Raquel, atualmente com 4 anos, filha de Ednei de Jesus Santos, 30 anos, nasceu no sexto mês de gestação. Além da prematuridade, luta contra uma doença genética que tira as forças dos músculos e a torna dependente de uma cadeira de rodas. A ONG batalha, não só para atendê-la, mas também outros cerca de 600 pacientes que nasceram antes do tempo. O Ambulatório dos Prematuros, atual residência da ONG, existe há 25 anos. Antes de 2004, as crianças eram apenas atendidas e diagnosticadas. Pouco se podia fazer por quem tanto precisava. “A gente olhava a criança carente, os pais sem condição de comprar remédios e comida, e não podia fazer nada”, diz Ana Lúcia Goulart, pediatra, diretora médica da ONG e professora da Universidade Federal de São Paulo. Depois dessa data, decidiram também cuidar de todas essas pessoas.

E cuidam mesmo. São 25 voluntários, 12 diretores e 110 contribuintes. Sua maior fonte de renda é um jantar beneficente anual. As crianças, entre zero e 17 anos, recebem atendimento médico de uma equipe multidisciplinar. A diferença de faixa etária surpreende. Ana Lúcia tem uma explicação. “Não temos como dar alta para crianças, porque não sabemos como elas vão continuar a se desenvolver. Nossa proposta é atendê-las até os 19 anos”, diz.

Por mais que o serviço seja um presente para quem tem filho prematuro, há pais que precisam ser convencidos disso. Jonathan Willian Mansanari, 17 anos, tem atraso neurológico e um problema de encolhimento do tendão, e faz acompanhamento semestral. O pai, Edvaldo, 43 anos, acha que ele não precisaria mais freqüentar as consultas. Mas na ONG ele aprende que não é bem assim.

Além da medicina O trabalho da Viver e Sorrir não termina quando os pacientes vão para casa. Cuidar vai além das portas do ambulatório. É preciso dar condições para que voltem. Os pais recebem vale-transporte, cesta básica e leite, por um determinado período que gira em torno de seis meses. Geralmente são abordados por voluntários da ONG e pelo serviço social ainda na UTI neonatal da maternidade do Hospital São Paulo. Foi assim com Vanda Aparecida de Souza, 25 anos, mãe de quatro crianças. Seus filhos gêmeos, de 2 meses, Yuri e Nicole (na foto ao lado, com Ana Lúcia), nasceram prematuros. Ficaram cerca de 30 dias na UTI. Antes de ir para casa, ela ganhou dois enxovais completos. “Foi o que me salvou, eles não tinham o que vestir”, diz. Ela gasta uma hora e meia para chegar ao ambulatório. Leva um bebê em cada braço. Segue sozinha, de ônibus. Quando chove, não consegue sair de casa – não tem como segurar o guarda-chuva. A ONG está tentando conseguir um carrinho para gêmeos. E quer mais.

Nos planos do grupo de Ana Lúcia estão a ampliação da área de atendimento e o aumento do tempo das doações de leite para um ano. Almejam também ampliar a rede de hospitais atendidos – hoje recebem prematuros do Hospital São Paulo, Hospital Municipal Vereador José Storópoli e Hospital Estadual de Diadema. Não é uma questão numérica. É pessoal mesmo. A pediatra e professora Ana Lúcia gosta do que faz. No ano passado, criou com a ONG o Dia do Prematuro, em 14 de março. Ela conhece o nome de cada paciente. Sabe que o diferencial do trabalho dela e de outros voluntários não é médico apenas. É emocional. “Aqui elas se sentem bem acolhidas. É a casa delas”, diz.